

A aplicação dos tests em larga escala, e de um modo sistematizado, iniciou-se, contudo, no presente ano.

De posse daqueles dados estatísticos, e aguardando os resultados dessa primeira tentativa, poderemos, com as cifras futuras, verificar si a organização das classes atúa, e em que gráu, sobre a percentagem das promoções.

O trabalho e sua orientação

Com tão grande responsabilidade, o trabalho não poderia ser feito sem ação controladora. Para que seu valor servisse a um julgamento, deveria o test obedecer a uma tecnica uniformizada, ser sujeito ao mesmo criterio de apreciação. Por outro lado, tornava-se necessario conhecer todos os fatores que pudessem prejudicar os resultados, alterando a realidade dos mesmos. Deste modo, o trabalho foi guiado pela professora de psicologia, da Escola de Aperfeiçoamento, D. Helena Antipoff, e, em reunião com as professoras encarregadas da aplicação de test, eram discutidos os problemas encontrados, apresentadas sugestões, estabelecidos os principios gerais, atendendo-se, o mais possivel, ás diferenças peculiares ao meio.

Para melhor uniformidade do trabalho e conhecimento das diferentes situações, foram distribuidos ás professoras questionarios como o que vemos adiante, cujas perguntas damos com as respectivas respostas. (Ver no fim do relatorio).

Os problemas que constituíram o assunto das cinco reuniões realizadas de março a junho, são de tal modo interessantes, por apresentarem um carater puramente real, que me parece útil resumi-los aqui.

1.º — Problemas referentes ao Test propriamente dito

Como este ponto será mais particularmente tratado pela auxiliar do Laboratorio, Helena Paladini, em seu proximo trabalho, serão aqui resumidamente apresentadas sómente alguns problemas.

O test de Intelligencia e de Vocabulario do Dr. Simon, aplicado ao primeiro ano analfabeto não seria bem recomendado aos alunos repetentes, pois julgá-los pela mesma medida seria não levar em conta a adaptação escolar e o gráu de influencia da instrução na mentalidade. Para os repetentes dever-se-ia preferir o test coletivo de Dearborn, mais rapido e mais de acordo com o gráu do desenvolvimento das crianças maiores.

A uniformidade da tecnica e da apreciação ficou um tanto prejudicada, por ter sido o test aplicado em alguns grupos, não

pelas especialistas dele encarregadas, mas por pessoas que, embora de reconhecida competencia pedagogica, não podiam estar bem ao par dos principios em que se assentava a tecnica do referido test.

2.º — Problemas relativos á classificacão

Considerando-se a importancia da adaptacão social e a da iniciacão escolar, atribuidas aos repetentes, parece bem indicada a classificacão dos novatos separada dos repetentes, sendo esta a primeira grande divisão. Depois, de acordo com a ordem decrescente dos Quocientes Intelectuaes, organizar-se-iam classes A, B, C e D, que variariam de numero, de acordo com o total das crianças do primeiro ano.

O criterio numerico adotado para a distribuiçã das crianças seria o dos Q. I., por ser medida equivalente ás idades cronologicas, e não a classificacão só pelos percentis relativos ao numero de pontos ou á idade mental, que daria uma classificacão menos eficiente, visto não se tomar em conta, em tal apreciacão, o valor da idade cronologica.

Teriam assim as classes, em relacão ao nivelamento, um perfil de duplo aspeto: mais regular quanto á intelligencia; menos, quanto ao desenvolvimento cronologico, o que, sob o ponto de vista do Ensino, parece preferivel ao nivelamento pela idade rial.

Estabelecidos assim os principios da classificacão, devemos ser inflexiveis e não ceder em caso algum? Sempre que tratamos de individuos, é preciso não esquecer a complexidade de elementos que concorrem para a eficiencia de sua educacão. Diante de certos casos, é preciso atender aos fatores psicologicos, sociais, economicos e, mais acentuadamente, afetivos, que impedem de maneira imperativa o desenvolvimento de uma determinada criança na sala onde se encontra. Mas é preciso que se tenha bem determinada uma base psicologica e um criterio objetivo a que se deva atender. Ver e, depois, julgar. Ser flexivel sem ser fraca é o segredo da boa direçã.

3.º — Divergencias entre o Test e a observacão das professoras

O. Q. I. não foi tomado inflexivelmente para o julgamento das crianças e organizacão das classes. Como se vê, a pergunta n.º 7, do questionario, se refere a esse ponto.



Pelas respostas obtidas, quasi todos os grupos atenderam á observação das professoras para o contról do test.

Tratando de semelhante questão, vem-nos logo a pergunta: Houve grandes divergencias entre o test e a observação das professoras? Si houve, qual o motivo?

Infelizmente não podemos responder á presente questão para a totalidade dos grupos, pois, obtendo dados de quasi todos, referentes á divergencia, até fins de fevereiro, não achamos, todavia, prudente considerar como definitiva a percentagem de casos divergentes então colhidos. Procurámos conhecer o numero de casos julgados falhos até o fim do 1.º semestre, e eis os algarismos que nos foi possível obter:

GRUPOS	N. de cri. testiz.	N. de divergenc.	%
Francisco Sales.....	159	20	12,6
José Bonifacio	307	26	8,5
Pedro II.....	245	22	8,9

Estes dados nos mostram que o numero de divergencias entre o resultado do test de Dr. Simon e a apreciação do trabalho escolar das crianças atinge mais ou menos 10% sobre um total de 711 casos examinados.

Quanto á pergunta - porque essas divergencias—entramos em um terreno que nos oferece uma fertilidade de sugestões, cuja verificação é de grande interesse para o exito da classificação. Estabeleçamos alguns lados bem distintos da divergencia:

Erros provenientes do experimentador.

Erros provenientes da criança.

Erros motivados pela irreabilidade dos dados relativos á criança, como idade cronologica e outros.

Erros de observação

Quanto aos primeiros, diz Claparède no «Comment diagnostiquer les aptitudes chez les écoliers» (pag. 94.)

«Nous avons à considerer les erreurs tenant á l'interprétation des réponses de l'enfant, notamment dans les cas où

cette réponse est verbale; les erreurs tenant à l'inconstance des sujets; celles qui peuvent provenir de phénomènes affectifs inhibant momentanément les aptitudes. Enfin, les erreurs tenant au fait qu'un enfant connaît déjà le test auquel on va le soumettre.»

Além desses foram lembrados ainda os seguintes obstáculos ao êxito do test: enganos de calculo, e sobretudo indicação errada da *idade cronologica*. Um ponto para o qual foi especialmente chamada a atenção refere-se a dificuldades apresentadas por certas crianças, de cujas reiteradas repetições não se explica o motivo, não está aparente, e, no entanto, seu Q. I. se mostrou muito alto. É preciso então procurar a causa remota dessa anomalia, tratando com especial cuidado o caso, pois não importa apontar somente os casos de divergencia, mas procurar a causa, estabelecer sua natureza, que pode variar desde os grosseiros erros de calculos até ás subtilizas de interpretação.

Um fator importante de divergencia está na origem estrangeira do aluno que, conhecendo insuficientemente nossa lingua, não poderá ser "testado" pelo test de vocabulario e inteligencia. Ha motivos graves de divergencia constituindo causas externas, como o mal comprehendido apego de professor a seus alunos, influido favoravel ou desfavoravelmente nos resultados, afim de conservá-los consigo.

Vejamos agora si a observação tambem pode falhar.

Em 1.º lugar, lembremos como tem sido considerada difficil pelos psicologos a avaliação subjetiva da inteligencia.

Binet diz mesmo que, si pedimos a um professor a apreciação da inteligencia de um aluno, estamos applicando um test de inteligencia a esse professor.

Qualquer uma de nós, habituada ao ensino, pode afirmar quanto varia o julgamento que fazemos da inteligencia de nossos alunos, entre o 1.º, 2.º, 3.º e até 6.º ou mais meses de convivencia. Todos conhecem os exemplos variadissimos de divergencia quanto ao julgamento de um certo trabalho, ao criterio de muitas pessoas. Medeiros e Albuquerque nos cita, á pag. 17 do seu livro "Tests", um exemplo dessas divergencias: Em uma "enquête" levada a efeito pela "Central Association of College and Secondary Schools", a divergencia atingiu aos extremos da reprovação á aprovação distinta de uma mesma prova. O mesmo autor cita outro exemplo que se deu entre nós, no qual vemos uma mesma prova colocada em 2.º e até em 10.º lugar pelos professores que a julgaram.

Além do elemento subjetivo, vejamos também alguns exemplos colhidos pela observação, em nosso trabalho, e que vêm discriminar certos pontos que podem perfeitamente levar a erros a observação.

Existem em uma classe duas crianças de idades diferentes, e cuja idade mental é igual; porém, a maior sabe ler um pouco e a menor é analfabeta. A professora acha que a primeira é mais inteligente que a segunda e, por isto, deve ficar em classe mais adiantada. Essa professora, parece, segue o critério da apreciação pedagógica para o julgamento da inteligência, pois, si essa criança não tem a mesma idade cronológica, no dia em que a menor tiver a idade que presentemente tem a maior, seu desenvolvimento, seus conhecimentos escolares, suas experiências sociais serão provavelmente superiores; assim, de fato, não devem estar juntas, mas em classes de repetentes alfabetizados e de novatos, pois, quando no 2.º ano, irão formar provavelmente, classes de 2.º ano fraco e forte, respectivamente. Este engano é muito comum. Em geral nos deixamos impressionar pela aparente superioridade de uma criança alfabetizada sobre uma analfabeta, embora mais inteligente.

Outras vezes, diante de duas crianças de idades diferentes, nos deixamos levar puramente pelo desenvolvimento cronológico da mais velha, sem que isto queira dizer inteligência. Em geral notamos em muitos casos em que era apontada divergência entre o test e a observação, ser a criança de Q I. baixo, bastante avançada em idade, relativamente a suas companheiras.

Outro feitiço perigoso de inteligência está na verbosidade, no desembaraço social, que se revestem de uma forma facilmente confundível com a inteligência, si nos limitarmos a essa apreciação aparente, sem tomarmos em conta a idade real, o que especialmente motiva tais enganos.

Formação das classes

Aplicado o test individual do Dr. Simon em 3.400 crianças de 1.º ano em fevereiro de 1931, na maioria pelas pro-

fessoras formadas pela E. de Aperfeiçoamento, residentes na capital, (°) organizaram-se 144 classes, assim distribuídas:

Tipos	N.º de classes	N.º de cri.	Percent.	N.º medio de cri. por classe
A	28	1.197	29,18	42,
B	42	1.681	40,98	40,
C	30	844	20,57	28,
D	14	380	9,26	27,
Total	114	4.102		

A diferença que se nota entre o numero de crianças testadas — 3.400 — e o total que constitue as classes—4.102— explica-se pelo numero de crianças repetentes, testizadas pela prova de Dearborn. Embora o numero das repetentes seja muito superior a 102, quer dizer que muitas delas foram submetidas ao test Dr. Simon.

Typo A — A melhor classe, alunos portadores dos mais elevados Q. I. Classe de responsabilidade, destinada a uma promoção de 100 /.. Com trabalho escolar intensificado.

Typo B — Classe intermediaria, Q. I. medios.

Typo C — Classe de crianças fracas, lentas, retardadas.

Typo D — Classe de crianças visivelmente diferentes das comuns, apresentando grande atraso ou qualquer anomalia mental ou fisica, que impedisse seu desenvolvimento natural.

(°) O serviço de aplicação de tests foi assim distribuído desde 10 de fevereiro de 1931:

Zilda Assunção, grupos "Olegario Maciel e "Mariano de Abreu"

Maria Cunha, grupo "Cesarío-Alvim".

Irene Silveira, grupo "José-Bonifacio"

Susel de Padua, grupo "Barão do Rio-Branco".

Stela Loureiro e Ednah Santa Rosa, grupo "Afonso-Pena"

Amelia Mata Machado e Maria Vasconcelos Pinto, grupo "D. Pedro II".

Luiza Melo, grupos "Henrique-Diniz" e Flavio dos Santos".

Irene de Paula Magalhães, grupo "Silviano-Brandão".

Maria Auxiliadora Corrêa de Paula, grupo "Lucio dos Santos"

Helena Paladini, grupo "Francisco-Sales"

Maria de Lourdes Pereira da Silva, grupos "Sandoval de Azevedo" e "Tomaz Brandão".

Maria Isabel Vieira e Zelia Gomes de Almeida, grupo "Caetano Azeredo".

Eulina Joviano, grupo "Barão de Macaúbas".

Eugenia Ferreira, Anita Fonseca, grupo "Bernardo-Monteiro".

Maria Luiza de Almeida Cunha, assistente tecnica, grupo "João-Pessoa".